

A EPOCA.

JORNAL

DE INDUSTRIA, SCIENCIAS, LITTERATURA, E BELLAS-ARTES.

INDUSTRIA E SCIENCIAS.

O GUIA E MANUAL DO CULTIVADOR.

(Continuado do n.º 13.)

Signaes para prever as mudanças de tempo.

375.º *Indicios de chuva.* Quando o sol nasce como avermelhado e ladeado de nuvens escuras, quando o seu disco se apresenta maior que de ordinario — quando a lua se acha cercada de um circulo de vapores acinzentados, que formam uma especie de resplendor, ou quando o seu disco é palido — quando as estrellas parecem maiores e a sua scintillação é quasi imperceptivel — quando as nuvens se amontoam e assemelham a grupos de rochedos ou montanhas, quando correm rapidas, quando vem do sul e mudam repentinamente de rumo; quando para a tarde se apresentam do lado do poente pezadas e negras — quando os ventos sopram rijos do sudoeste, oeste, e noroeste, quando fazem frequentes mudanças, e quando ao vento sul succede o do poente — quando as nevoas andam baixas e se levantam vagarosas, e quando o orvalho desaparece logo que o sol nasce — *são signaes de chuva.*

376.º Tambem indicam proximas chuvas o voo das andorinhas á superficie das aguas, o inquieto mergulhar dos patos e ganços nas ribeiras e lagos, o desaparecimento subito dos corvos, gaviões, e outras aves de rapina, o canto matutino da andorinha, o continuo gritar dos pavões, a fuga dos pequenos passaros para os seus ninhos, o cacarejar e o bater das azas das gallinhas, o successivo grasnar das rans, a importunidade das moscas, a retirada das abelhas para os seus cortiços, a inchação das madeiras, a humidade das pedras, do ferro, e do sal, os grandes murrões das candêas, a queda da fuligem das chaminés, e a descida do mercúrio no barómetro.

377.º *Indicios de bom tempo.* Se o sol se levanta claro, e se o céu se conservou limpido durante a noite — se as estrellas se mostram numerosas e brilhantes — se as nuvens se apresentam brancas, altas, e transparentes — se os ventos sopram do norte, do nordeste, e de leste — se os passaros cantam, se os mi-

lhãos voam gritando, se as andorinhas se elevam para as regiões superiores da atmospha — se as aranhas se mostram no ar e nas arvores armando as suas teias — se as toupeiras sahem dos seus buracos, se as abelhas se alongam das suas colmeas, e se o barómetro sobe consideravelmente deve esperar-se bom tempo.

CAPITULO II.

Natureza e propriedades do solo.

378.º Aquelle agricultor que quizer empregar utilmente o seu tempo e os seus capitaes precisa estudar com grande attenção a natureza e as propriedades do solo submettido aos seus trabalhos. As culturas devem adaptar-se aos terrenos; e quando tentamos violental-as em terrenos improprios, logo recebemos o justo castigo dessa violencia, quer no augmento do trabalho e despezas que empregamos, quer na escassez e inferioridade dos productos que recolhemos. Só quando marcha com a natureza é que o cultivador deve marchar confiado e seguro. Contrariando as suas leis, e mesmo nas suas tendencias, é lutar com uma força superior e quasi sempre invencivel. Se semarmos o trigo nas terras de centeio, a cevada onde deve crescer a aveia, a oliveira no clima proprio ao castanheiro, &c. ficarão ou menos fructuosos ou baldados todos os nossos trabalhos.

379.º A escolha dos terrenos para a cultura das plantas é tanto mais necessaria quanto menor sôr a quantidade de estrumes que tivermos á nossa disposição. Quando os estrumes superabundam quasi todos os terrenos são bons — os mais estereis tornão-se ferteis (ao menos temporariamente) sob a prodigiosa influencia deste agente. Mas quando elles escaceão, como frequentemente acontece, é então que precisamos suprir esta falta pelo conhecimento especial dos terrenos e das plantas, que nelles prosperão mais naturalmente. Tem-se escripto que os *Chins* excedem neste ponto todas as nações da terra; e é provavel que assim seja, porque a industriosa agricultura deste povo, herdeiro e depositario da antiga civilisação asiatica, tem-se enriquecido e aperfeiçoado com as tradições e experiencias de um espantoso numero de gerações.

380.º Devemos estudar as propriedades geraes do solo antes de fazer conhecer a composição e qualidades especiaes dos diversos terrenos.

Propriedades geraes do solo.

381.º Os solos ou terras araveis devem ser sufficientemente soltas e divisiveis, não só para se trabalharem sem grande difficuldade, senão tambem para se deixarem penetrar pelas raizes sem grande resistencia. Esta condição da divisibilidade não deve excluir uma certa tenacidade, que as torne sufficientemente compactas, para que as plantas se possam fixar com uma dada solidez, a fim de não serem desarraigadas pela força dos ventos.

382.º Devem ser leves e porosas para que o ar, os gazes, e outros meteoros atmosfericos, necessarios ou uteis á vegetação, as possam facilmente penetrar.

383.º Devem ser permeaveis ás agoas da chuva para que todas as extremidades radiculares da planta as possam absorver, e com ellas os saes e soluções alimentares necessarias á sua nutrição. Esta permeabilidade tem porém limites, porque se fór demasiada, as chuvas se escoarão pela terra como pela areia, ou por um crivo sem poderem ser absorvidas; e se fór excessivamente diminuta as terras se encharcarão, e as sementes e raizes, deixando de germinar pela falta de ar e calor, apodrecerão sem remedio.

384.º Devem ser escuras, e espongiosas para que absorvão e contenhão o calor necessario á germinação das sementes e ao desenvolvimento da planta; e para que attrahiam e retenhão os vapores aquosos, que se depositão na atmosphera.

385.º Devem ser sufficientemente profundas para que as raizes se desenvolvão sem obstaculo — e devem assentar sobre uma *subsolo*, que coadjuve e fortaleça o solo, que careça das qualidades que a camada aravel possuir em excesso, que facilite o esgotamento das agoas quando nella se depositarem em demasia.

386.º Devem compôr-se de quantidades proxima-mente eguaes de areia, argilla, e substancias calcareas, para que gozem das condições já indicadas da divisibilidade, permeabilidade, tenacidade, e leveza: por quanto as primeiras duas condições provem da areia ou silica, a terceira da argilla, a quarta das substancias calcareas, isto é, do carbonato ou do sulphato de cal.

387.º Devem conter uma sufficiente quantidade de humus, ou de despojos animaes e vegetaes, que lhes subministrem os principios azotados indispensaveis a uma energica vegetação — e devem além disto facilitar pelo seu calor e humidade a gradual e lenta decomposição daquelles despojos, para que as plantas possam encontrar por largo tempo, tanto no solo, como nas camadas de ar adjacentes, os principios gazozos alimentares, de que carecem.

388.º São estas as principaes condições do bom solo, vejamos agora qual é a composição das diversas especies de solos ou de terrenos araveis.

Composição e natureza das diversas especies de solos.

389.º As substancias que pela sua reunião constituem as diversas especies de solos são pouco numerosas e pôdem reduzir-se ás seguintes — a *arcia* ou *silica* — a *alumina* ou *argila* (que é uma combinação de alumina e silica) — a *cal* (debaixo da fôrma de *carbonato de cal* e de *sulphato de cal*) — e o *humus* ou *terra vegetal*. Ainda se encontram accidentalmente além destas substancias outras que por serem em quantidades diminutas deixam de se mencionar aqui, como são oxidos de ferro, e cobre, a potassa, a soda, &c.

390.º Segundo predomina nos solos ou nas terras araveis algum destes quatro elementos, assim ellas se dizem *areentas* ou *siliciosas* — *aluminosas* ou *argilosas* — *calcareas* — e *humosas*.

391.º A arêa ou a silica torna as terras ligeiras, seccas e ardentes — a argila torna-as fortes, plasticas, e frias — a cal, ou os seus compostos acima indicados, torna-as leves e porosas, excita o desenvolvimento das plantas, e provoca a decomposição dos estrumes — o humus ou terra vegetal torna-as nutrientes, e cerca as raizes e as folhas de uma atmosphera alimenticia e protectora.

392.º A combinação destes quatro principios nas suas justas proporções, isto é, mais de um terço de argila, um terço de arêa, menos de um terço de cal, e um decimo de humus dá em resultado uma excellente terra, a que se pôde chamar *normal*, e que deve apresentar as propriedades e condições que attribuímos ao solo em geral.

393.º Indiquemos agora as qualidades das quatro especies de terras ou solos acima referidos.

394.º *Terras argilosas ou aluminosas.* Estas terras apresentam a argila em excesso sobre os outros tres principios. São principalmente compostas de argila e alguma silica; o seu character distinctivo é uma grande tenacidade, que as torna doces e unctuosas ao tacto; amassadas entre os dedos podemos communicar-lhes as fôrmas, que desejamos. São humidas e frias durante quasi todo o anno. São tenazes e plasticas, e a sua cultura apresenta grandes difficuldades. No outono e inverno reduzem-se a uma pasta pegajosa, que o arado ou a charrua revira sem a dividir; no estio tornam-se tão consistentes e duras, que é ás vezes impossivel penetrar-as com aquelles instrumentos. As chuvas encharcam-nas, e o sol fende-as em largas aberturas, que expõem as raizes ao contacto do ar, lacerando-as e destruindo-as. Os seus productos são tardios e de mediocre qualidade. Os trigos bellos na apparencia; produzem nellas mais palha do que grão. Os prados dão fechos duros e pouco succulentos. Os legumes, e os fructos adquirem grande volume, mas são pouco saborosos.

395.º São estes os inconvenientes dos terrenos eminentemente argilosos ou quasi exclusivamente formados de argila; inconvenientes que são todavia menores nos paizes temperados do que nos frios; mas se a argila entra nelles n'uma menor proporção, e se a silica e o calcareo corrige os seus principaes defeitos, então tornam-se bastantemente férteis; e no nosso clima produzem excellentes cearas de trigo, de cevada, e aveia, abundantes legumes, e muito bons pastos, como trevos, luzernas, &c. Uma grande parte dos melhores terrenos da provincia do Alentejo são desta natureza, e conhecem-se alli pelo nome de *barros*, ou terras barrentas.

396.º As terras fortes são aquellas em que predomina a argila, mas em que este principio se acha convenientemente corrigido pela arêa e por algum carbonato de cal. Ordinariamente 50 partes de argila, 30 de arêa, 15 de carbonato de cal, e 5 de humus constituem estas terras, que se denominam tambem *argilo-siliciosas*.

397.º As terras francas de pão formam a passagem dos terrenos argilosos para os arenos, e apresentam menos argila, e mais quantidade de arêa e carbonato de cal do que as terras fortes. Estas terras são as que convem ao maior numero de plantas usuaes. Todos os cereaes prosperam nellas, assim como uma grande parte das plantas economicas, e forraginosas. Carecem de poucos estrumes, e não precisam de correctivos.

398.º *Terrenos arenosos ou siliciosos*. Estes terrenos, em que superabunda consideravelmente a silica ou a arêa, apresentam defeitos oppostos aos dos terrenos argilosos. Elles são naturalmente desagregados e soltos, e fabricão-se por isso com uma grande facilidade. São rudes ao tacto; aridos e secos por causa da sua excessiva permeabilidade ás agoas pluviaes. Frios durante o inverno aquecem-se facilmente durante a primavera, e tornão-se ardentes durante o estio. Se nos paizes frios e chuvosos, onde as terras argilosas são infecundas, elles apresentam ás vezes uma certa fertilidade, nos paizes aridos e quentes resistem á maior parte das culturas particularmente durante o estio. Os seus amanhos são pouco custosos; e se é mui difficil deparar com o momento opportuno de lavar as terras barrentas, nada é mais facil do que encontrar a oportunidade de amanhar as arenosas, porque nunca se encontrão nem encharcadas, nem endurecidas como as primeiras; tambem não carecem como estas de lavras frequentes e fundas, porque a sua natural divisibilidade as deixa estorrear facilmente depois dos primeiros ferros.

399.º Em quanto os solos argilosos carecem quasi sempre de ser desembaraçados da agoa, que lhes sobeja, os siliciosos ao contrario precisão que lha conservemos e proporcionemos por todos os modos possiveis. E na verdade cousa nenhuma fertilisa tanto estas terras como as regas, porque a agoa é para ellas

uma condição de fertilidade talvez ainda maior do que os estrumes.

400.º Nestes terrenos eminentemente arenosos só podem prosperar aquellas plantas, que tirão da atmosfera por meio de suas folhas e caules o nutrimento, que não podem adquirir por meio das suas raizes; o trigo sarraceno, a esparguta, a batata tupinamba, &c. achão-se neste caso. Se o centeio vegeta nestes solos, é porque o seu desenvolvimento tem lugar durante as estações chuvosas, que entretem na arêa uma humidade quasi constante; e porque a silica entra na sua composição como principal elemento. No norte do Alentejo, e em muitos outros pontos do reino, encontrão-se bastantes terrenos desta natureza.

401.º São estes os principaes defeitos dos terrenos eminentemente siliciosos; mas estes defeitos desaparecem inteiramente quando a argila e a cal vem corrigil-os. E na verdade os terrenos, que tem o nome de *silico-argilosos*, por serem principalmente compostos de arêa e argila, podem collocar-se em fertilidade a par das terras francas ou terras de pão, e são como ellas appropriadissimos á maior parte das culturas, e nomeadamente ás dos cereaes, das leguminosas, dos nabos, das cenouras, das betarrabas, e das batatas. Se a argila porém entra em pequena quantidade, isto é, n'um quinto, por exemplo, sobre quatro quintos de arêa, então estes terrenos, que se denominão neste caso *fracos* ou *soltos*, são de pequena fertilidade.

402.º As terras *lodosas* entrão tambem no grupo das siliciosas, porque a sua composição é uma mistura de arêa, de alguma argila, e dos depositos fertilisadores das agoas dos rios dos ribeiros, &c. a que damos o nome de *nateiros*. Estes solos adubados pelas enchentes dos rios, que arrastão consigo e trazem em dissolução a terra vegetal, e a flôr dos terrenos, que foram percorrendo, são de uma inexhaurivel fecundidade. As extensas margens do Nilo, as vastas bacias do nosso Tejo, e as risonhas beiras do Mondego e do Lima patentêo esta verdade. Assim nestes pingues e felizes campos podem succeder-se annualmente as culturas mais esgotadoras da fertilidade do solo, como são as do linho, do trigo, dos legumes, &c. sem que as suas forças productivas se depauperem consideravelmente, e sem que seja preciso desenvolver-as ou estimular-as por meio dos estrumes, dos correctivos ou dos afolhamentos — é porque a natureza faz aqui o que o agricultor deve fazer nas outras localidades, isto é, corrige, marga e esterca.

403.º *Terrenos calcareos*. Superabundão nestes terrenos o carbonato de cal ou *cré*, e o sulphato de cal ou *gesso*; no primeiro caso tem o nome de *cretaceos*, e no segundo de *gipsosos*; e tanto uns como outros se denominão calcareos. Estes terrenos são doces ao tacto, retêm fortemente a agoa, e tornão-se friaveis depois de secos. São leves e porosos, deixando por is-

so penetrar-se com grande facilidade pelo calor e gazes atmosphericos.

404.º As substancias calcareas tão favoraveis á vegetação, tornão-se nocivas desde que superabundão consideravelmente no solo, imprimindo-lhe uma causticidade abrazadora. Temos no nosso paiz grandes tractos de terreno conhecidos pelo nome de *terras de cré*, que são de uma grande esterilidade, e de um melancolico aspecto, porque se achão quasi inteiramente despidos de toda a vegetação util, mas que poderião inda ser utilizados com plantações de pinhaes que nelles prosperão soffrivelmente. Muitas das grandes serranias da Estremadura, Alemtejo e Algarve são terrenos calcareos a que se póde dar esta applicação.

405.º Quando porém as substancias calcareas se unem com uma consideravel quantidade de argila, e com uma menor porção de silica e humus a fertilidade apparece desde logo nestes terrenos que tem então o nome de *calcaro-argilosos*. A argila prestando-lhes a tenacidade de que careciam, corrigindo-lhes a causticidade, e tornando-os humidos e frescos no estio, communica-lhes quasi todas as condições dos terrenos normaes que são os mais proprios para a vegetação — e assim vemos que nelles se aprasem quasi todas as plantas, mas principalmente o trigo, a cevada, as ervilhas, os nabos, o esparceto, &c.

406.º *Terrenos humosos*. Nestes terrenos predomina o humus ou a terra vegetal sobre todas as outras terras elementares. O humus é o resultado das substancias organicas quando se decompõem ao ar. As plantas e os animaes privados de vida alteram-se promptamente, e os seus tecidos decompõem-se pouco a pouco nos seus elementos, transformando-se n'uma substancia negra, ligeira, ávida de agoa, e mui fertil em consequencia da sua porosidade, e da grande quantidade de acido carbonico, e dos principios azotados que contem: esta substancia, que é o *humus*, esgota-se facilmente, e só por si não é sufficiente para fazer viver e prosperar as plantas lenhosas; e mesmõs plantas annuaes communica-lhes um excesso de vigor e de vida quasi sempre prejudicial á sua fructificação.

407.º Mas se este principio do humus ou do terriço se mistura com os outros tres elementos das terras araveis; se estes ultimos corrigem e modificam a sua acção demasiadamente energica, então os terrenos resultantes desta combinação, que tem o nome de *argilo-humosos*, *silico-humosos*, &c., adquirem uma grande productividade. Tambem as leguminosas, as frumentaceas, e quasi todas as outras plantas, que se cultivam nas hortas e nos pomares, prosperam admiravelmente nestes terrenos como se vê nos valles, nas veigas, e nas varseas de todas as nossas provincias, mas principalmente nas Beiras, no Minho, e na Estremadura.

408.º A quantidade maior ou menor de *humus* existente no solo pode influir consideravelmente na sua

natureza. A proporção em que este principio deve entrar na composição dos terrenos não se póde bem determinar por depender de variadissimas circumstancias umas intrinsecas, e outras extrinsecas ao solo. Sabe-se que o humus não obra sómente pelas substancias nutritivas que contem, mas egualmente porque melhora as condições phisicas do terreno. E na verdade elle torna mais soltos e divisiveis os terrenos tenazes e compactos; um pouco mais compactos os que são nimiamente soltos — torna mais humidos os que são secos, e mais quentes os que são frios — n'uma palavra corrige os terrenos de quasi todos os seus defeitos.

409.º Quando os vegetaes se decompõem ao ar formam, como já dissemos, um terriço fertilizador que chamamos humus — quando porém se decompõem debaixo de agoa, e fóra do contacto atmospherico, constituem o que chamamos *turfa*, substancia de propriedades chimicas diversas das do terriço, impropria á vegetação e commum nos logares pantanosos e alagadiços.

410.º Os terrenos de turfa poucas vezes, e só depois de grandes despezas e trabalhos se podem reduzir á cultura; mas podem subministrar, e subministram quasi sempre um bom combustivel. Os terrenos paludosos podem aproveitar-se algumas vezes com uma certa vantagem e produzem espontaneamente algumas gramineas apeteccidas dos gados, junco, bunho, esparto, e junça, plantas todas susceptiveis de algumas applicações economicas. Em certos casos podem estes terrenos depois de esgotados apresentar uma grande fertilidade; mas a sua cultura é funesta ao cultivador, porque os vapores mephiticos, que delles se exhalam são a origem de febres intermitentes, e de outras molestias egualmente graves e perniciosas.

411.º Conclue-se do que levamos dito, que a natureza e propriedades das quatro especies de solos que podemos chamar *fundamentaes*, se corrigem uns pelos outros, e que segundo a mais ou menos ajustada proporção em que se misturam, assim apresentam uma fertilidade grande, mediocre, ou nulla.

412.º Felizmente é muito raro encontrar solos exclusivamente *argilosos*, *siliciosos*, *calcareos*, ou *humosos*; mas é muito frequente encontra-los compostos de todas ou de algumas destas terras em proporções taes que excluam as condições do solo normal. E' então que o agricultor, sempre que isso for praticavel, deve tractar de emendal-os, ou corrigil-os do modo que adiante indicaremos.

413.º As proporções em que aquelles quatro principios devem apparecer, e em que geralmente apparecem na chamada terra franca, ou terra de pão são as seguintes — mais de um terço de argila, um terço de silica, menos de um terço de cal, e um decimo até um vigessimo de humus. Importa porém advertir que nada ha mais variavel do que aquellas proporções, porque até muitas vezes diversificam na terra extrahida de diversas localidades do mesmo campo. Convem pois

que o agricultor conheça algum processo simples para poder examinar a natureza e composição dos seus terrenos; nós lhe apresentaremos o seguinte que pela sua simplicidade julgamos dever preferir-se.

414.º *Processo para a analyse das terras.* Tomem-se de varios pontos da superficie do terreno que desejamos examinar, e á profundidade de alguns palmos, sessenta onças de terra bem limpa de pedras e raizes; e depois de muito bem estorroadá e misturada faça-se seccar ao sol. Ponha-se depois ao fogo n'um vaso de ferro até ficar em brazá; e remexa-se continuamente até á completa evolução das suas substancias combustiveis.

415.º Deixe-se depois arrefecer, e em sitio resguardado da humidade exponha-se ao ar livre, a fim de absorver e recuperar a porção de acido carbonico, que entrava na composição dos carbonatos, e que a acção do fogo fez volatilisar.

416.º Passados um ou dois dias peze-se então a terra, e a differença que houver entre o seu pezo actual e o primitivo, indicará a quantidade de humus ou de materia organica, que entrava na sua composição. Se em vez das 60 onças não se encontrarem depois da combustão mais do que 54 é porque continha uma decima parte de humus ou de terrço.

317.º Depois desta operação lance-se a terra em um vaso de vidro, e deite-se-lhe em cima um pouco de acido muriatico ou espirito de sal diluido em vinte vezes o seu volume de agoa. Se a terra tiver carbonatos logo se manifestará uma grande efervescencia acompanhada de espumas. Remexa-se então o deposito terreo até cessarem de apparecer bolhas na superficie do liquido, que por fim se tornará transparente.

418.º Separe-se em seguida o liquido do deposito terreo, que se pezará depois de secco. Esta segunda differença de pezo exprime a quantidade de carbonatos (quasi sempre carbonato de cal) que a terra continha, os quaes sendo atacados pelo acido muriatico ou hydrochlorico foram decompostos, ficando livre o acido carbonico que se evolvera. Supponhamos que não se obtinham mais do que 38 onças de pezo — é porque a terra continha 16 onças ou quasi uma terça parte de carbonato de cal.

José Maria Grande.

AS OBRAS DO MONDEGO.

Temos um solo abençoado, que nos parece ainda ser pouco conhecido, e que não sabemos aproveitar. — Se alguma vez fór devidamente explorado apreciaremos então a abundancia com que a providencia nos dotou, e o motivo porque outros nos invejam a terra, que ella nos concedeu tão benefica e liberal.

O nosso paiz, que hoje sustenta tres milhões e meio

de habitantes, póde ainda crescer muito em população, e em riqueza, se as suas proporções fõrem estudadas em todos os districtos, e em todas as provincias. — Estabelecido um systema seguro, para levar a effeito todas as nossas vias de communicação, vê-se-ha nessa occasião os recursos que possuímos, e os mananciaes de immensa prosperidade, que elles encerram.

Temos provincias povoadas menos de meio, outras quasi despovoadas, e vêmos terrenos fertilissimos, campinas extensas, valles amenos, montes de um torrão creado para as mais variadas produções, e tudo muito, em muitas partes mesmo apresentando-se o paiz como deserto, sem vestigios do homem saber d'elle.

Nas planicies do Alemtejo que extensão de terras não temos despovoadas, e incultas? Quando acabamos de descer a serra do Caldeirão, que planicie immensa e fecunda não achamos; — que terras da melhor producção; — e quantas se não vêem em toda a corrente da ribeira de Odemira perdidas, e accusando a ingratição do homem, que não as aproveita? — Em todos os pontos daquella provincia dilatada, — o Algarve quasi povoado no littoral, e uma grande parte da Extremadura: em todas estas e em alguma outra provincia se podiam estabelecer colonias, que augmentassem a população, e a riqueza do reino. — Evitavamos com isso a vergonha (porque passamos) da emigração de tantos compatriotas nossos, que se vêem obrigados a sahir todos os annos da bella provincia do Minho, aonde encontramos o argumento maior, para comprovar a doutrina, que acabamos de expender.

Por este meio, — com vias de communicação bem construidas e conservadas, — com os disvellos de um governo, que promovesse, por tantos meios ao seu alcance o aperfeiçoamento dos nossos methodos de agricultura, — ensinando os productos, que nos convinha mais cultivar; — nós podiamos apresentar muitos em todos os mercados, competindo com os dos outros paizes, porque nos vêmos favorecidos pela vantagem do nosso solo.

Mais desenvolvimento podia ter este objecto, se não fõra outro o nosso proposito no artigo, que estamos escrevendo, ao qual por isso voltaremos em outra occasião. — Se nos magõa estarmos vendo o que perdemos pelo abandono de tantos terrenos despovoados, e sem cultura, muito mais deploramos, que se estejam perdendo outros aproveitados já de muitos seculos, que pela abundancia de seus productos, — pela facilidade da sua cultura, — pela dilatada amenidade da sua superficie haviam sempre attrahido, e augmentado uma população, que se reputava prospera em outros tempos.

Estamos fallando do campo de Coimbra, que as margens do Mondego fertilisavam antigamente, e que na grande distancia de sete legoas, depois que passa pela frente daquella cidade, apresenta a superficie mais agradável e amena, cortada por essas margens tantas vezes contempladas dos poetas pela sua graça

e pelos seus encantos. Esse campo, que fazia a riqueza e as esperanças de uma população grande, laboriosa, e activa, acha-se hoje reduzido a muitos areas; e o rio que o fertilisava em outro tempo, está sendo actualmente o instrumento da sua destruição, e fazendo de anno para anno a pobreza e a desgraça daquella população, antes feliz, contente, e laboriosa com a ambição de se engrandecer.

Não pretendemos entrar no exame das obras do encanamento do Mondego; mas observamos, que o rio tem levantado o seu leito espantosamente, desde que os trabalhos principiam; e todas as vezes que inunda os campos é grande a quantidade de terras, que ficam perdidas; diminuindo assim a propriedade cada anno naquelle districto, a fortuna das familias, e a somma dos impostos.

Muitas vezes as chuvas creadoras da primavera são bastantes para arruinar os infelizes lavradores do campo de Coimbra, porque o rio já não tem margens que possam conter as pequenas enchentes, nem estas são sufficientemente seguras para lhe resistir. — As searas são por isso frequentes vezes inundadas, depois dos campos sementeados, ficando perdidos muitos lavradores, e familias inteiras, com estes prejuizos.

Sabemos, que a Camara Municipal de Coimbra, que todos os annos desenvolve grande zelo pelos melhoramentos e engrandecimento do municipio e da cidade, fizera já um grande caes ao longo da margem, que corre com ella para desviar as agoas, e impedir daquelle lado a accumulção das áreas, que tem levantado a cidade espantosamente. — Alli se vêem hoje reduzidas a umas pequenas meias portas, as que ha poucos annos davam entrada para os edificios nas ruas da cidade baixa; porque a Camara mandou ao mesmo tempo levantar-as, para evitar a frequente invasão das enchentes do rio dentro della; e é digno de notar-se, para não fazer menção de outras circumstancias, o facto de estar servindo presentemente a Igreja do antigo convento de Santa Clara de casa de abegoarias e de curraes, da cimalha para cima, achando-se entulhado todo o pé direito deste edificio.

O álveo do rio está actualmente em muitas partes mais alto, de Coimbra para baixo, do que os campos, e em outras acha-se igual com as mottas. — As áreas accumulam-se todos os annos, e nas enchentes do rio cobrem os campos, e os tiram da cultura. — As Insuas, que faziam as vizinhanças de Coimbra tão apraziveis e mimosas na primavera; — os campos, que se viam tão viçosos de ambas as margens do Mondego, desafogados, e tão amenos, são hoje áreas, que inflammam os raios do sol, e fazem árido, insalubre, e inhospito um paiz, outr'ora pródigo de productos e de encantos. — Muitos terrenos estão além disto pantanosos, sem poderem nunca cultivar-se, por causa do infiltração das agoas que passam para os campos pelas mottas do rio; produzindo ainda um damno consideravel á saúde publica todos os annos.

Sobre a infelicidade que as obras do rio tem tido, não podemos deixar de deplorar a inercia das Camaras Municipaes; porque extincta a authoridade, a quem competia antigamente a jurisdicção de vallas e marchoens no campo de Coimbra, é a ellas a quem pertence agora prover á abertura de todas as que não são, nem pôdem ser comprehendidas nas obras do rio. — Acham-se entulhadas muitas, que são indispensaveis para o dessecamento do campo e para a sua boa cultura; talvez porque os proprietarios, por effeito de uma ambição mal entendida, julgaram, que podiam com isso augmentar as suas terras; — outras alagadas, e por abrir, ha muitos annos servindo de receptaculo immundo ás agoas, que alli entram nas inundações do inverno, não podendo sabir, são de verão um fóco de doenças, que dizem horrivelmente a população.

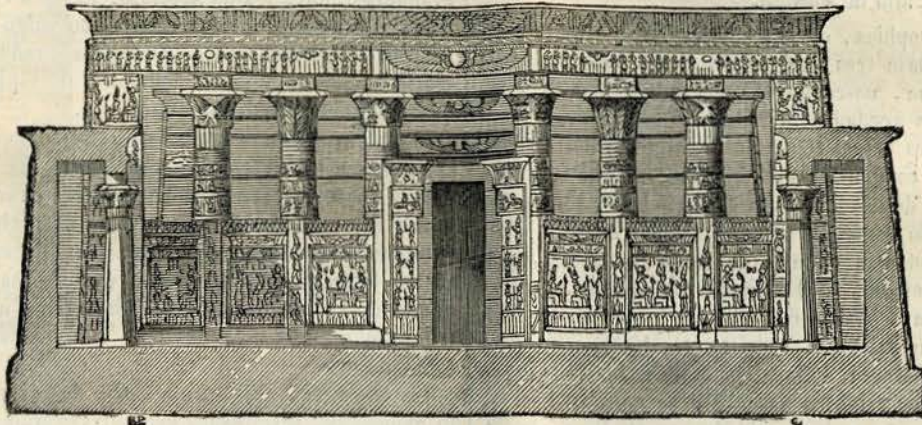
O bepecio do adiantamento de doze contos, que uma lei das cortes na sua ultima sessão manda fazer áquellas camaras, para occorrerem a estes trabalhos tão urgentes, é grande não ha duvida, mas não é de certo um meio, que satisfaça as necessidades da população, e da agricultura do campo de Coimbra. — E' mister adoptar um systema, em virtude do qual se providencie á abertura de todas as vallas, que são necessarias, para que os campos sejam bem e opportunamente cultivados; e á boa conservação das aberturas sempre, tendo-as bem desembaraçadas para que as agoas corram livremente, desde que entrarem nellas, e deste modo não soffra tambem a saúde publica, objecto importantissimo, para que é necessario attender-se muito. — Este anno a mortalidade na cidade, e em alguns concelhos do campo de Coimbra fez aterrar os povos, e causou grandes perdas nas familias; convem prevenir estas funestas calamidades, que está na mão dos homens combater, quando não vem como uma demonstração severa da providencia.

Parecia-nos por tanto, que em quanto ás obras do encanamento do Mondego estas se deviam examinar attentamente, e resolver por uma vez, que systema se deve adoptar, para que se façam com solidez, e produzam quantos resultados convem á navegação, á agricultura, e á saúde publica; — e pelo que pertence ao mais, se devia adoptar um systema de vallas sobre um imposto lançado a cada aguilhada ou geira de terra, creando-se attribuições especiaes nesta parte, que se accumulassem ás do governador civil, e junta geral daquelle districto.

Se por ventura se prover a isto com a urgencia, que o caso exige e como convem, o Mondego ainda será util á navegação, e ao commercio, se ao mesmo tempo se prestar ao estado, em que as obras da barra da Figueira vão pondo aquelle porto, a attenção que este demanda; — e o campo de Coimbra poderá tornar a merecer as fadigas de seus laboriosos e infelizes cultivadores.

A. R. O. Lopes Branco.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES.



A ARTE.

O EGYPTO.

E' sempre nas proximidades dos grandes rios, que as populações se grupam e se desenvolvem primeiro: a agoa é o mais poderoso elemento de nutrição; sem ella a vegetação não pôde existir, a aridez, a desolação estendem sobre os campos a sua mortalha fatal. Ainda ha pouco nas margens do Mississipi se formou, para assim dizer espontaneamente, uma nação nova; cidades formosas, jardins perfumados, um commercio vastissimo, vias de comunicação admiraveis, tudo germinou, tudo se desenvolveu pela influencia de um rio navegavel e fertilizador.

Um povo antigo dotado de civilisação vigorosa e de uma constituição persistente, que occupa um dos logares mais eminentes na historia do oriente, teve uma origem similhante: o Egypto nasceu do Nilo; a sua historia está escripta nas margens deste rio famoso.

O Nilo, partindo da serra da Lua, estende-se pela Nubia; e, rompendo por entre rochas graniticas, saltando espumoso de precipicio em precipicio, entra no Egypto, onde caminha, sexado em margens este-reis, até Chercassor, e ahi divide-se em dois braços formando o baixo Egypto ou o denominado Delta. O Egypto não é mais do que um vale depositado pelo Nilo, cercado de desertos: as inundações causadas pelas cheias são a providencia deste paiz, a fonte donde manam as suas riquezas todas. O inverno é alli a estação da belleza e da fertilidade; o verão transforma

os campos em desertos, porque os raios de um sol abrazador, atravessando uma atmospha limpa e branca, cretam, queimam, reduzem a cinzas todas as plantas. A civilisação do Egypto seguiu o curso do rio que lhe deu vida. O alto-Egypto, comprehendido entre Syene e Chemnis, foi onde appareceu a primeira luz civilisadora; Thebas, a cidade de que os poetas gregos contaram tantas e tão grandes maravilhas, era a sua capital. O medio-Egypto, espaço que se alonga pelo Nilo abaixo, desde Chemnis até Chercassor, e de que Memphis foi a principal cidade, só foi engrandecido posteriormente pelo desenvolvimento intellectual. O Delta finalmente pertence ao ultimo periodo do engrandecimento egypcio; periodo immenso cuja origem se perde nas mais cerradas trevas da historia.

Frederico Schlegel suppõe que a civilisação egypcia nasceu da illustração derramada por uma colonia de sacerdotes indios, que veiu pelo mar Vermelho estabelecer-se nas regiões mais remotas do Egypto, no meio de uma população grosseira e selvagem. Muitas razões militam em favor desta opinião. — Entre a lingua egypcia nas suas raizes, e o *sanskrito* da India existem as maiores analogias: as tradições referiam que os deuses tinham descido do lado da Ethiopia; e cada anno a estatua de Ammon fazia uma viagem á Lybia: finalmente segundo as observações de Blumenbach os craneos das mumias teem na sua forma geral muita similhança com os craneos indios.

Em religião as analogias são tambem extraordinarias entre o Egypto e a India. O ovo, que é neste paiz o simbolo da creação, apparece no Egypto na bocca de Cnef: Isis e Osiris, deuses egypcios, são a

imitação de Isi e Isaura: o indio considera a silaba *oum* como a expressão sublime da resignação religiosa, a silaba *on* tem a mesma significação para o egypcio: ambos os povos creem na transmigração das almas, ambos tem de fé que os mortos hão-de ser julgados segundo os seus actos durante a vida, para receberem premio ou castigo.

As philosophias, ou antes as religiões orientaes tiveram por base tres dogmas distinctos, originarios da India; e que, nascendo uns dos outros pela degenerencia das verdades primitivas, conservaram com tudo vestigios dessas verdades. O primeiro destes dogmas é o da *emanação*: nelle, suppõe-se que tudo que existe é um desenvolvimento da divindade; todo o ser é considerado como um deus, limitado, definido, contido na existencia infinita do Deus superior: é um dogma misterioso, e repassado de profunda tristeza que devia dar, e deu de feito em resultado as mais selvagens superstições: a deificação dos homens perfectos, dos heroes, deduziu-se delle naturalmente; e nelle se baseou tambem a constituição politica das castas, que suppõe a desigualdade moral das raças. A doutrina da *emanação* degenerou rapidamente no culto grosseiro da natureza; culto sanguinario e brutal de que resultaram todos os horrores dos barbaros sacrificios humanos.

O systema dos dois principios, do bem e do mal, da luz e das trevas, é mais elevado do que o da emanação, é mais moralizador; porque, reconhecendo a liberdade do homem, obriga-o a luctar, e consequentemente a aperfeiçoar a sua natureza. Nesta religião, só o que ha de puro, o que é perfeito no mundo recebe adorações, só o bello é venerado; os principios destruidores, os objectos impuros são considerados como o apanagio do genio do mal, do inimigo da humanidade.

O ultimo dos dogmas orientaes, o mais imperfecto, o mais immoral de todos, é o pantheismo; que destroe toda a actividade moral, quebra toda a energia humana, reduzindo o mundo a uma grande unidade, vaga e informe, que é quasi uma negação da existencia, que não deixa persistir differença alguma entre o bem e o mal, o vicio e a virtude. Este dogma corresponde ao materialismo puro da moderna philosophia; senão na sua origem, porque essa é ideal, pelo menos nos seus effeitos destruidores.

Se é exacta, como parecem provar-o os factos e os monumentos, a hypothese de Schlegel, os principios fundamentaes das doutrinas do oriente deviam de ser conhecidos da casta sacerdotal do Egypto; porém a confusão que reina em todas as suas idéas de que hoje temos conhecimento; e a amplidão, desordem e multiplicidade de deuses da sua mythologia, deixam suspeitar que a pureza primitiva das doutrinas indias, se achava já então alterada e corrompida, e que a profundidade e grandeza da philosophia egypcia, guar-

dada misteriosamente nos templos, estava abaixo do que a julgaram os outros povos da antiguidade.

A religião idealista importada da India devia infalivelmente alterar-se pelo contacto, do fetichismo rude dos povos, que habitavam o Egypto, adoradores das arvores, dos animaes, do Nilo, dos astros, e das grandezas materiaes da natureza. Entre a religião, porém, dos iniciados, e as crenças do vulgo, mantiveram-se sempre differenças profundas e radicées; a primeira conservou muitos elementos de espiritualismo, que a segunda não conheceu nunca.

A arte recebeu o cunho da religião sacerdotal; o symbolismo foi o principio em que se originaram todas as construcções; as linhas simples e rectas, a harmonia dos numeros, dirigiu a mão do architecto e do esculptor. As crenças religiosas acham-se escriptas, não só nos hieroglyphos que eram verdadeiros caracteres alfabeticos, ou representações *figurativas*, mas na distribuição e ordenança dos edificios, nos accessorios, e nos ornatos.

Os obeliscos, cuja forma era a de piramides muito alongadas, terminadas por outras piramides menores, e que se collocavam sempre aos pares na frente dos templos egypcios, não eram simples ornatos, eram palavras collossaes, eram dois enormes hieroglyphos, duas silabas de granito; a sua significação é *estabilidade*, immutabilidade. Sobre elles acha-se gravado o elogio historico dos Pharaós; elogio cuja pompa é medida pelo grau de sympathia que durante a vida elles mostravam pela casta sacerdotal, e pelo engrandecimento da religião.

O *Sphinge*, esse ente misterioso, meio gente meio leão, é um hieroglypho que significa *senhor, rei*. As cabeças dos *Sphinges* são retratos de principes: o das piramides, que tem 94 pés de comprimento, e 47 de altura é o retrato de Thutmosis IV; como se vê pelos hieroglyphos de um quadro que se encontra gravado no peito do monstro.

A arte seguiu no Egypto as mesmas phases que na India. As escavações subterraneas abundam pelas serras da Lybia, na Nubia, e nas vizinhanças das cidades populosas. Templos ou sepulchros, estas prodigiosas construcções, egualam quasi as maravilhas da India, e nellas teve principio a architectura.

Os templos trogloditicos de Ebsambul, na Nubia, são um magnifico, um grandioso exemplo deste genero. Ao lado de um templo immenso, cavado no monte, rico em esculturas, precioso pelas pinturas de que é ornado, e sobre tudo admiravel pela sublimidade e o grandioso da architectura; existe outro que, apezar de menos amplo nas suas proporções, é uma maravilha tambem.

O portico deste templo é aberto na rocha viva em plano inclinado, no comprimento de 83 pés, e na altura de 37; consta de seis nichos altos e profundos, dentro dos quaes se elevam seis estatuas collossaes, tres de cada lado da entrada, sendo a do centro de

mulher, e as duas lateraes de homens; estas estatuas tem de 33 a 36 pés de altura.



Por estas estatuas, que são perfeitamente acabadas, com proporções bem calculadas e que tem uma phisionomia regular e expressiva, pôde conhecer-se já, que os Egypcios não ignoraram a escultura, nem desprezaram inteiramente a perfeição e o bello das fórmãs.

Ao portico segue-se um *prónaos* de 71 pés de comprido, a este um *nãos*, e em fim o *sanctuario*. O *prónaos* é sustentado em largos pilares pezados e maciços, assentando sobre soccos enormes, e coroados por uma cabeça de mulher esculpida em relevo, em vez de capitel.

As paredes são ornadas de baixos-relevos pintados, e de hieroglyphos, que se referem a assumptos religiosos.

Este templo foi consagrado á deusa Athôr, a Venus egypcia, pela mulher de Rhamsés-o-Grande (Sésóstris); os simulacros da deusa, e a sua propria imagem, vêem-se esculpidos no sanctuario.

Ao sair das suas habitações subterraneas a architectura egypcia conservou os seus caracteres primitivos; a força, a solidez, a simplicidade. Pilares ou columnas ligadas entre si por enormes pedras colocadas horizontalmente; linhas verticaes e linhas horizontaes, são os elementos de que dispõe a arte no Egypto.

A fórma cubica domina nos templos, como sendo a imagem da solidez e da duração; as columnas erão sustentadas sobre uma base, e coroadas por um capitel de folhas do *loto* sagrado: a friza e a architrave erão conhecidas e empregadas já.

O caracter religioso imprimiu-se por toda a parte, e como a sua expressão mais constante e mais essencial era a inalterabilidade, a permanencia, a eternidade, por isso os templos são precedidos de obeliscos, de columnas, de sphinges, e de duas massas enormes que fazem corpo com o edificio, pilastras colossaes onde se escrevião em hieroglyphos paginas religiosas; a estes corpos derão os francezes o nome de *pylões*, da palavra grega *pulou*, que significa *atrium*.

O templo de Aroeris em Edfu, dedicado, como todos os templos egypcios, a uma trindade; — um deus *Har-Hot* (sciencia e luz), uma deusa *Athôr* (Venus), e um filho dos dois principios, *Aroeris* (Apollo) — é um dos mais completos monumentos que se alevantão no valle do Nilo. Este templo é precedido por dois *pylões* colossaes, que indicam a sua entrada: estes *pylões* são ornados de esculturas, e cubertos de hieroglyphos; no seu interior correm escadas que levam

dos terrassos inferiores aos que corôão estas massas immensas. A porta que fica entre os *pylões* conduz a um vasto pateo, cercado por tres lados de porticos magestosos, e tendo no fundo um bello *prónaos* (especie de peristilo) ornado de columnas com capiteis variados, entre os quaes se notam dois capiteis palmeiras. E' o frontespicio deste *prónaos*, que faz o objecto da estampa que damos.

Ao *prónaos* seguia-se o *nãos*, hoje obstruido e completamente arruinado, e que precedia o sanctuario.

Este monumento, ainda que elevado já em tempos do dominio grego, conserva todos os caracteres egypcios: simplicidade nas massas, gravidade e severidade nas linhas geraes; a ornamentação é simbolica, e formada pelos vegetaes e os animaes consagrados pela religião.

Os Egypcios não empregaram só as riquezas da sua architectura nos templos. Não considerando a vida senão como uma perigrinação na terra, como um instante perdido no infinito da eternidade, elles empregaram grande cuidado em dar ás habitações dos mortos a magnificencia, a grandeza, a sumptuosidade, ou antes a robustez, que negavão ás habitações dos vivos.

O exemplo mais extraordinario das construcções sepulchraes do Egypto são as pyramides de Gizeh, que foram consideradas pelos antigos como uma das maravilhas do mundo. Estas *portentose moles*, como lhe chama Plinio, não poderam nunca ser medidas com exactidão pelos antigos, que todos exaggeram a sua altura: esta é superior á de todas as outras construcções humanas; apenas a flexa da torre de Strasbourg é que se aproxima pela sua elevação á da grande pyramide; ficando-lhe só inferior uns onze pés.

As pyramides são o verdadeiro simbolo da eternidade; a sua fórma torna impossivel a queda de tão enormes massas de pedra. Mansões de morte, ellas eram destinadas a guardar intactos os restos mortaes dos tyrannos que as mandaram construir, até ao dia ultimo do mundo: os tumulos ficaram, os ossos porém dos orgulhosos reis, foram espalhados pelo deserto, e os seus nomes apagaram-se da memoria dos homens.

No interior da grande pyramide eucontra-se uma casa, onde se eleva um sarcophago de granito; as paredes desta casa, que se denomina a *camara do rei*, são polidas e trabalhadas primorosamente. Por cima desta ha cinco outras casas mais baixas e pequenas, que parecem apenas destinadas a aliviar a *camara do rei* do pezo da alvenaria: por baixo, no eixo da pyramide, está construida a *camara da rainha*, que tem ainda inferiormente uma outra casa cavada na pedra. A alvenaria, com que este tumulo gigante foi construido, bastaria para fechar n'um muro de seis pés de altura um circulo que tivesse mil leguas de circumferencia.

A razão aterra-se ao pensar no trabalho cruel, a que eram condemnadas gerações inteiras para satisfa-

zer o orgulho estúpido de reis sem coração, e o fanatismo ou antes a hipocrisia dos sacerdotes de uma religião de egoísmo, fundada sobre o systema horrível das castas, da desigualdade dos homens, que a religião de Christo uniu depois pelos laços da fraternidade. Os historiadores modernos recusaram-se por muito tempo a acreditar que trabalhos tão prodigiosos fossem levados a cabo sem o auxilio de machinas; e não de machinas grosseiras, senão de órgãos mecanicos aperfeiçoados: os factos porém teem provado que esta opinião era errada. Os egypcios escreveram, ou para dizer melhor representaram nos tumulos todas as suas occupaões e processos industriaes; e o mais consciencioso estudo não tem feito descobrir até agora nestes monumentos indício algum de que este povo conhecesse a construcção e uso das machinas: além de que temos, para nos confirmarem as revelações dos monumentos, as relações dos escriptores da antiguidade. Diodoro diz positivamente que os egypcios não tinham machinas: Herodoto conta que elles hissavam as pedras para as suas construcções por meio de planos inclinados. Este modo de elevar corpos de um grande pezo, exige como se vê o emprego de um grande numero de braços; mas isso não podia ser, nem foi nunca uma difficuldade para a omnipotencia dos Pharaós.

A escultura egypcia respeitou muito mais as proporções do que a India: o bello, o ideal não são com tudo o typo das suas producções. Em vez de considerarem a escultura como a arte que representa as fórmas particulares, os egypcios deram ás estatuas o character da generalidade; eram a representação do homem na sua natureza pura e eterna, e não a imagem do individuo; por isso todas teem uma grande analogia, uma uniformidade que cansa aos que a observam. Quer sentadas quer de pé as estatuas teem as pernas unidas, os braços alongam-se pelo corpo: e se por vezes parecem caminhar, o pezo do corpo é distribuido igualmente por ambas as pernas. Estes vicios particulares á escultura egypcia não nasceram da impericia dos artistas, mas do pensamento religioso que os dominava: a conservação das fórmas primitivas era a primeira condição a que se queria satisfazer nestas composições, a fim de que todas contribuissem para tornar o culto mais misterioso e aparentemente profundo. O talento dos artistas deste povo antigo, a facilidade que tinham em imitar com perfeição as fórmas da natureza, prova-se pela observação das admiraveis representações de animaes que nos legaram.

O nome da chimica deriva-se de *Chemí*, antiga denominação do Egypto. Neste paiz foi de feito muito conhecida esta sciencia nos seus processos practicos, como o provam os bellos esmaltes de que as mummies estão cubertas, a profusão com que o azul de cobalto foi empregado na pintura, e a frescura em que ainda hoje se conservam as cores que aformoseam os monumentos. Apesar da excellencia das tintas porém, a pintura não progrediu no Egypto, ficou no primei-

ro periodo: as cores foram empregadas com uniformidade, as sombras desconhecidas, os desenhos incorrectos.

Não é difficil de perceber pelo rapido esboço que acabamos de dar aqui, que entre a arte do Egypto, e a arte da India ha uma analogia extraordinaria, que só admittidas as bases historicas e philosophicas que apontámos, pôde ter uma explicação simples e que satisfaça o espirito.

Para comprehender a arte oriental é indispensavel ter sempre em vista as religiões e as philosophias que a dominaram; e procurar as suas raizes no paiz donde ella partiu, na India.

A' medida que os conhecimentos sobre a organisação social, a religião, e a historia dessa nação mysteriosa se vão aperfeiçoando, uma luz pura vae esclarecendo e tornando patentes os segredos do passado. Não está longe talvez a epoca, em que uma theoria geral, concebida pelo genio, ligue entre si os fragmentos que o nosso seculo tem colligido, e com elles construa pura e quasi completa a verdade dos tempos primitivos, ha muita adulterada, ou perdida de todo.

J. de Andrade Corvo.

A ESCOLA MODERNA LITTERARIA.

V.

O SR. GARRETT.

A verdadeira restauração do Theatro entre nós é devida ao auctor de D. Branca. Alma portugueza, talento feito para se medir com as maiores difficuldades, vê-lo-hemos descer outra vez á liça, e disputar a palma ao genio de Athenas e de Schiller.

Como Goethe, o Sr. Garrett, empenhou o respeito do seu nome, e a consideração da sua influencia politica. O poeta veio dar batalha campal no palco scenico ás exaggerações francezas que estragavão o gosto, por lhe offererem para modello unico uma litteratura, que ainda não definira a sua indole. O alto funcionario invidou todas as posses da sua fama e valimento para levantar á scena um padrão, retirando-a do estado lastimoso em que entre ruinas tiritava de frio e de pobreza como forasteira mal acolhida.

E' justo reconhecer que os actores tinham começado a regeneração, sujeitando-se ao estudo e á disciplina. Seria longa porém a sua constancia, e coroado de successo o seu trabalho sem a mão que as levantou e protegeu; sem a voz que chamou sobre elles a attenção do poder, e pela primeira vez firme e severa clamou, que uma nação sem theatro era um paiz orphão de artes e vazio de cultura? De certo não. Para restaurar a scena tornava-se indispensavel nobilita-la pela estimação publica, e fazer que o exemplo viesse de cima. Era essencial tomar uma idéa nacio-

nal, um facto poetico na essencia, e revestindo-o das gallas do drama, consagrar com elle o baptismo do Theatro.

Creou-se pois o Conservatorio, e escreveu-se o *Auto de Gil Vicente*. O Conservatorio devia abrigar a scena com a protecção de todos os talentos e com o auxilio de todas as influencias. A peça inscrevia-lhe no rosto a gloria de dous grandes poetas — Bernardim Ribeiro, e o Plauto Portuguez — com o reinado ditoso e a corte opulenta de D. Manuel para fundo do quadro. Assim creada e protegida tinha tempo para se educar e robustecer a scena.

Qual era a sorte da arte dramatica antes desta renascença? Porque modellos estudavam e se podião aperfeiçoar os actores e os auctores? O estado intellectual do theatro estava simbolisado nas ruinas dos dous hospicios, em que agonisava. Coravam as faces de pejo, quando o viajante estrangeiro, depois de passar pela Opera Lyrica, procurava (debalde!) o edificio erigido ás artes pela civilisação portugueza. Uma gaiola carcomida e um tablado carunchoso tremião e desfazião-se no recanto sombrio de escuro beco. Era alli apesar disso o Capitolio; havia lá uma tal ou qual vida; declamava-se ao menos com decencia, fazião-se progressos, e revelavão-se algumas vocações. Adiante erão as Gemonias. Um theatro velho e defeituoso, encostado ao circo dos alcides e arlequins servia de ludibrio á capital, cuja dessorada escuma supplicia com as saturnaes da orgia mais dissoluta a miseria de poucos desgraçados, quasi reduzidos a pedir esmola do alto do proscenio.

A sorte do poeta e a do actor nunca foram eguaes. Por mais severa, que se lhe mostrasse a fortuna, o escriptor rara vez chegou ao supremo aviltamento do Pátria. Mesmo no meio da desgraça tinha um quê de soberano, uma aureola de realza na fronte, que a indifferença podia esquecer, mas que o desprezo nunca ousava polluir. Bocage e Camões pobres e criminosos, quando erguião a cabeça e proferiam o seu nome entre os homens, não erão fulminados pelo interdicto social. Vivião entre a nobreza; e desde o paço aulico até ao aposento do sabio, vião o mundo aberto diante de si. Succedia o mesmo ao comediante do seu tempo? Gil Vicente exceptuado (se merece excepção a existencia de truhão real a que foi condemnado um engenho como aquelle) qual dos nossos actores era recebido e estimado como o Garção, o Bocage, ou o Tolentino?

A estimação do talento suppria a estimação da pessoa, e sem o orgulho exaltado que é o tormento da sensibilidade exaggerada, em mais de uma occasião poderião ter sido menos desgraçados.

E' por isso que a luz da inspiração pôde raiar sobre a fronte do desditoso. O que padece, se ella o visitou, sabe cantar. O coração que chora, a alma que se abraza na lucta, e o sentimento que a dôr ulcerera, enranção essa corôa de espinhos que os homens

cravão na cabeça do martyr, tecem essa purpura ao genio, que as turbas jogam no calvario da ignorancia e que estringe e queima o espirito do poeta como a tunica do Centauro. Já o dissemos, o infortunio não está só no mundo, quasi todo reside no poeta. Corre apoz o ideal que lhe sorri fugindo, que o chama desapparecendo; visão de lagrimas e de amor á qual estende os braços, e que só pôde colher (se colhe!) quando a morte lhe cruza os braços sobre o peito, e a eternidade lhe revela o derradeiro, o tremendo enigma da existencia.

Mas a vida do actor é outra; a sua organização pouco vulgar e a sua sensibilidade estremecida e caprichosa, quando a miseria e o desprezo se unem para o ferir, não o deixão salvar a arte nem ella pôde crescer, ou prosperar. Se a mão da sociedade o repelle, se a voz do povo o não conforta, aquelle talento que só amadurece ao sol do triumpho, no meio do applauso e da esperanza, esmorece, descahe, e perde-se. A arte scenica, que é toda imitação, que advinha o que não sente por comparações reflectidas, que deve expressar os sentimentos e as paixões segundo as idades, a natureza, e a epoca, expellida d'entre os homens, apurada na pessoa do que a exerce, sequestrada do mundo dos felizes e dos poderosos, onde irá estudar os typos, as maneiras, e os costumes das classes que é chamada a representar?

Banindo o actor em nome do preconceito social, com o stigma do desprezo vão queimar-lhe na alma a estimação de si proprio; levam-no insensivelmente a amaldiçoar na arte a causa do seu opprobrio; elle que a devia prezar com toda a idolatria do orgulho. Condemnado a viver comsigo e dentro de si mesmo, ou procura os deleites e se abisma nos vicios de uma devassidão ignobil; ou perde mais de metade do espectáculo do mundo, a alta sociedade — theatro vivo e immenso, grande amphitheatro de observação tão essencial ao artista como ao poeta, sem o qual nenhum delles poderá nunca pintar o coração humano com a poesia da palavra escripta, ou com a poesia da voz e do gesto!

Não queremos agora examinar se esta epoca tão vaidosa da sua philosophia, e tão questionadora de egualdades methaphisicas é em realidade mais isempta de abusões sociaes, do que alguma das anteriores. Napoleão que resumio dezoito seculos de gloria e de progresso sobre o throno dos Cesares, proclamou a alliança do genio e do poder. Bonaparte e Talma erão mais que protector e protegido, foram amigos. Que importa, pois, que hoje ainda um ou outro pigmeu assoprado em colosso cuide elevar-se quando não faz senão descer. Não é desses que o exemplo aproveita, ou o conselho frutifica. A palavra que ha-de converter será sempre a do homem, a quem Deus fadar a realza do talento, e a popularidade da poesia. Ora desses nenhum se assopra, nenhum se incha, nasceram gigantes e não iuveião como a ran a estatura alheia.

O Sr. Garrett como poeta entendeu que o primeiro estímulo da arte é a estimação do que a cultiva. Como estadista e reformador viu bem que a scena cahia se o actor não se prezasse a si, e o gosto publico se não educasse. Para o primeiro objecto repetimos, organizou o Conservatorio e a Inspeção dos Theatros. Para o segundo escreveu as suas peças e por meio da censura litteraria, exercida por uma critica como a sua, dirigiu o gosto, tentou corrigir as exaggerações, e applicou-se a encaminhar a arte para os eternos typos do bello: — a verdade e a natureza. Infelizmente ia quasi no começo ainda a obra da regeneração do Theatro, quando lha arrancaram das mãos e a torceram e desviaram do seu progresso!

Quando se estuda com reflexão a nossa litteratura dramatica não pôde ter-se o coração, que não deplora a esterilidade desta manifestação da arte em Portugal. Ao sahir da vida energica e robusta da meia idade para entrar no famoso periodo da unidade monarchica (de que o reinado de D. Manuel é a glorificação, e a epoca de D. João II a formula escripta com o sangue dos dous chefes da nobreza) vemos no meio dos saráus da cõrte, entre as follias e danças dos cortezãos erguer-se o vulto de um homem, que Deus tinha tocado para crear a scena entre nós, se a imitação classica não estivesse já na aurora do seu longo predomínio.

O engenho original e a veia satyrica tão facil, que inspirava a Gil Vicente, ao nosso Plauto portuguez o *Clerigo da Beira* e tantas composições engraçadas, em tempos menos eruditos teriam fructificado; e o que era apenas recreio bem acolhido pela indulgência dos principes, animado á sombra dos paços reaes, tomando corpo e força, fazendo-se mais robusto e proporcionado, havia de sahir do berço aulico, descer ao seio das multidões, e receber o baptismo popular do drama moderno. Os autos de Gil Vicente como scenas de costumes são um quadro precioso para o antiquario. Como obras de arte são esboços ás vezes informes, quasi sempre abruptos e incompletos, porém animados do espirito nacional, que lhes infundia o sentir e crer da epoca, cujo retrato eram, cuja fiel expressão davam. Nelles está em embrião, é verdade, mas está, o germen do drama castelhana como depois o engenhoso Lopo da Vega o concebeu, e Calderon mais severo e mais grandioso o desenvolveu.

Shakspeare, genio mais profundo, alma embebida na sceptica melancolia do norte, raro observador do homem e do misterio da existencia, no mesmo seculo e sem o abrigo da cõrte, disputava ao circo das feras um privilegio escasso que ia coroar de gloria o reinado de Isabel Tudor. Singular destino, que assignalava á infancia do drama, da formula mais popular da arte, a mesma hora em que a unidade monarchica estendia o nivel do poder absoluto sobre tudo, e soffocava nos braços dos reis e de alguns juristas os instinctos do povo, que luctára mais que ninguem pela

independencia da terra natal e sem o saber pela victoria da monarchia!

Shakspeare e Gil Vicente representam na immensa distancia moral, a que o character do talento de cada um delles os colloca, a idéa poetica do norte e a do meio-dia. O primeiro é o genio dos germanos e saxonios; o segundo traduz a indole viva, ardente, e chistosa da Peninsula. Um lança sobre a vida humana o reflexo triste, a penumbra em que se mergulha em meia escuridão o seu espirito. O outro ata os Deuzes da Mythologia grega ao seu carro de Tespis, solta-o livre e alegre sobre o dourado pó do estadio real; flagella no rosto os vicios; escarnece os privilegios e a perguica de uma ou de outra classe protegida, e mistura com o profano riso dos Silenos e dos Bachos as canções tão bellas do povo, os sentimentos de fé e esperança christã, os hymnos a Deus, e as lisonjas ao principe.

O inglez aspero como Éschilo ás vezes toma o escopro e grava a tradição de Hamlet em um drama methaphisico, cujo sentido profundo revela o famoso monologo:

« *To be, or no to be that is the question!* »

O nosso portuguez dá polido e brilho á anedocta maliciosa, cõra-a e commenta-a como Plauto, desenhava em volta della os seus heroes e alegra-a do riso jovial do nosso povo, o melhor de todos. O tragico britanico cantou *Otello* e *Romeo*; — nas suas peças historicas, porém, esculpio como satyra sanguenta da nobreza parasita e dissoluta do seu tempo, o inimitavel typo de Sir John Falstaff, o Sancho inglez cuja Uliassa começa na trilogia de « Henrique IV » e acaba na satyra de costumes — as « Comadres de Windsor. » — Educado na eschola erotica, de que vemos tantos exemplos no celebre Cancioneiro de Rezende, Gil Vicente nem é escrupoloso na decencia das situações, nem se apura na delicadeza da frase. A sua Musa ás vezes corre desgrenhada e quasi nua como Phriné. E nisto os dois poetas, ou antes os dois periodos da mesma epoca, assemelham-se. Ambos disparam sobre o espectador expressões, que fariam corar o pudor mais endurecido.

Demoramo-nos em retocar um pouco de mais talvez este quadro, porque nos parece, que á renascença romantica esqueceu a indole propria da poesia do norte e do meio-dia, confundindo-as n'uma imitação quasi tão servil como a classica de que se ufanavam os seculos XVI e XVII. A moderna eschola franceza, e a alemã, no principio, fizeram de Shakspeare o seu modello exclusivo proclamando-o absoluto rei da scena. As peças castelhanas de enredo e de paixão, a famosa comedia de Lopo da Vega, e o drama de Calderon, reputaram-se muito inferiores ás tragicas invenções do grande poeta inglez. E são de certo em um sentido.

A ninguem ainda foi dado penetrar no intimo do coração como ao auctor de Hamlet. Ninguem, comê

elle, rasgou tão largo o véu, com que se cobrem as contradições dos caracteres; ou illuminou de tão esplendida luz a sublime explosão das paixões. Nesta parte o modello não conhece, nem talvez conheça emulo. Os dramas historicos, idéa grandiosa que revoca á vida e á acção a sepcas e os homens, são composições que fazem ainda hoje a desesperação da arte mais culta. A realidade do crer e do sentir, que respiram e a firmeza de desenho que as realça nunca se hão-de exceder. O antiquario terá mais sciencia, o poeta mais correccção e harmonia, o historiador mais profundidade, porém qual delles poderá nunca em um só grito exprimir a alma, a dôr, a lucta medonha das paixões que expressa o famoso — *my horse, my horse!* de Ricardo III á porta da sua tenda depois da derrota?

Mas a eschola franceza, modelando-se por Shakspeare servilmente, não tomou d'elle sómente o genero e a fórma; copiou-lhe até os defeitos, a côr sombria, e a philosophia arida e descrida. Como o poeta inglez assenta o amor no collo das dôres mais excruciantes; como elle soffoca a esperança nos braços da morte; e diante de cada affecto suave e de cada crença consoladora põe como interrogação a ironia e a dôr; como elle converte a vida em tragedia, e o mundo em calvario de martyrio e de oprobrio, carregando de mais as trevas da eternidade, que gellam de horror o mysterio da existencia: — a poesia moderna foi buscar o interesse á desesperança, quebrou do alaude romantico a corda religiosa da remissão divina, e creou essa raça de *Otellos*, de *Hamlets*, e de *Falstaffs*, libellos vivos contra a humanidade, aleijões moraes, cujo espirito é o crime, cuja linguagem é a negação da consciencia e a apothose do scepticismo, cujo interesse dramatico só reside no horror phisico, na ferocidade animal das paixões, e na exaggeração por fim ridicula, que transpondo as regras e os limites da arte, em logar do bello e da verdade produz o tumido, o falso, e o brutesco.

O mestre não ia tão longe. Os imitadores erraram primeiro que tudo contra a poetica que admiram. Shakspeare encarava a existencia pelo aspecto profundamente desconsolado e triste da expiação do homem pelos padecimentos terrestres; devassava sem dó o segredo do vicio e do crime; negava ao mundo a ventura e a esperança, porém egando a providencia para fazer della uma fatalidade inexoravel, nunca sahio das raias do humano e do possivel, nunca precisou de crear abortos moraes ou phisicos para exprimir as procellas da alma e o terror do crime, ou inspirar a piedade. Poeta nunca desceu a mechanic; e nos momentos em que se mostra mais sceptico e mais tragico, nesses mesmos é que sabe arrancar á paixão o seu verdadeiro clamor, ao coração uma palavra, um gemido, que diz tudo e ensina tudo.

Nós os portuguezes, e os nossos visinhos hespanhoes peccamos todos por defeito de perguiza: — por isso imitámos tanto e tão mal quasi sempre. Não quere-

mos meditar; e aborrece-nos o estudo um pouco arido das origens nataes da nossa poesia. Achamos uma creada? ouvimos os applausos dos que a incensão? já ajoelhamos e adoramos tambem o idolo sem curarmos de examinar se a indole do povo, se o caracter da nação pôde conceder carta de naturalisação aos viajantes exóticos que nos braços vamos levando em triumpho ao Capitolio. O que fomos com a litteratura morta de Roma e de Athenas somos hoje com a poesia viva de França. Outras nem as sabemos, nem nos importa conhecê-las. Se apparece dellas uma e outra feição no espelho, a que nos compômos, mette-se no retrato, na copia que se está tirando; e esfregam-se as mãos pela victoria. Á tez morena e ao reflexo dourado do meio dia, juntamos sem piedade os olhos azues tão frios e a bocca tão séria e grave do norte, em vez das pupillas negras em que arde a paixão, e dos labios finos e chistosos em que ri o amor, ou treme convulsa a ira. O nosso modello não é humano; que importa pois, que erremos o homem e a natureza se calcamos bem o gesso da copia?

Daqui veio essa geração funesta de *Antonys*, de *Hernanis*, e de *Gubetas*, supplicio da lingua, e ruína da verdadeira poesia. Puzemos-lhe nomes portuguezes; quadrámos em episodios da historia patria lances e situações adventicias; *aperfeioámos* a famosa collecção de reagentes chimicos applicados á scena; montámos a machina de alta pressão do horror e do absurdo; fizemos da paixão um drastico violento; da decoração um programma de circo; e da realidade historica e humana das epocas e dos caracteres uma moxinifada intoleravel que deturpou a historia, calumniou os personagens, e depravou o gosto e a arte. Inventámos o homem-tigre, e a mulher panthera; o veneno escorreu como chuva sobre os actores; o punhal andou mais em uso, do que as thesouras; e o cemiterio tornou-se campo neutro onde esta familia de Atrêos dramaticos, ao expirar no palco, vae abraçar seus avós, seus paes, e seus irmãos os melodramas da Porta de S. Martinho. A scena foi um juizo final em que os vivos morriam e os mortos ressuscitavam sem motivo, só para vibrar um grito cavo e fundo, que arrancasse palmas ás plateias.

Não se quiz remontar á origem da poesia peninsular, e vêr em Gil Vicente, em Bernardim Ribeiro, em Lopo da Vega, Calderon, e tantos poetas romanticos qual devia ser a indole, o gosto, e o sentido original e nacionalissimo do drama entre nós. Afrancezámos tudo; e por fim o publico cançou-se da gaiola de fêras, em que o mettiam; dos berreiros com que o ensurdéciam; e da martellada eterna com que estes Ciclópes do horror theatral feriam incessantes na bigorna theatral. Depois da excitação veio o collapsio. Das carnificinas passou-se para o melodrama lamurioso, cujo final obrigado é á ventura nupcial do protagonista. « *Ecce iterum Chrispinus!* » voltou-se ao

genero da *Preta dos Talentos* com as modificações ad usum *Delfini*.

O Sr. Garrett, como critico e como auctor, conheceu logo o precipicio da hypocondria dramatica; e previo tambem desde logo que levaria direito ao deserrado e semsabor repertorio das elegias dialogadas, ao *flos sanctorum* das virtudes theologaes. Como chefe de escholla cumpria-lhe avisar os poetas inexperientes do perigo, a que se arriscavam; e educar o gosto degenerado, corrigindo-o por meio das graças animadas porém castas do verdadeiro drama de paixão e de costumes. Neste proposito é que desenhou o bellissimo painel a que deu depois o titulo de um *Auto de Gil Vicente*.

Foi a primeira pedra do edificio; as que se lhe seguiram em diferentes generos, se o não completam (porque o auctor ainda não revelou o ultimo segredo do seu talento) de certo deixam observar já perfeitamente o estillo, a configuração, e toda a architectura. O theatro do Sr. Garrett é uma restauração tão importante para a historia da arte portugueza como *D. Branca* e o *Camões* o fôram para a renascença da poesia moderna e popular, cujo typo é o bello, a verdade, e a natureza.

L. A. Rebello da Silva.

ODIO VELHO NÃO CANÇA.

ROMANCE HISTORICO.

CAPITULO XIII.

Antes morrer!

(Continuado do n.º 14.)

— « Rica-dona de Lanhoso, qual destes dois queires seguir? Respondei sem temor. Estacs debaixo da guarda da lança e do pendão de leaes cavalleiros. »

D. Maria hesitava. Friamente e sem olhar para ella, Gomes Lourenço deu um passo, dizendo em tom firme:

— « Ha duas horas a vida do corpo e a da alma — honra, nome e vingança, tudo deitei aos pés dessa mulher para ella o calcar. — Seguia-a, como se vós atraz da esperanza, como se corre a colher o amor... Sabeis qual foi a paga do sacrificio, de quanto lia de mais santo no coração do homem? — Vender a cabeça do louco, que se fiou nella, á covardia de Martim Paes!... Senhora D. Maria, eu, cavalleiro e rico-homem, pelos ossos de meu pai e pela cruz desta espada, juro que vos não recebia por mulher, ainda que me trouxesseis em dote a corda de Portugal! »

— « E ficará manchada a minha honra? » exclamou ella.

— « Que me importa a vossa honra, senhora? Sois minha esposa ou minha irmã?... A nodoa de sangue estampada no vosso rosto contará ao mundo o amor que vos tive, e a razão que o pagou. »

— « Gomes Lourenço, bradou ella, tem piedade de mim!... »

— « De vós?! »

— « E de ti. »

— « Entre a vileza de comprar a vida á mulher que me enganou, e a morte breve do patibulo, escolho a morte. Vinha receber uma noiva; e mudei de esposa. »

— « Recusas? »

— « Já vos disse: a minha mão não se mancha, unindo-se á vossa. »

Á altiva dona demaiaram as faces de raiva. Resoluta estendeu o braço a Martim Paes, clamando tremula:

— « Vingai-me, que sou affrontada! »

O irmão e os parentes cruzaram as espadas sobre a cabeça della, ajoelhada. Gomes Lourenço, sorrindo com amargura, encostou-se á mesa sem proferir palavra.

— « Pedes-nos reparação, e ser-te-ha dada, dama de Lanhoso? » disse D. Froylas.

E voltando á mesa pegou no guante direito, e enlaçando o capello d'ago, tornou a collocar-se no primeiro lugar. Os mais imitaram-no. Depois em tom severo bradou:

— « Gomes Lourenço, filho e neto de cavalleiros, e rico-homem de Salzedas, affrontaste esta dama. Que-res recebel-a por mulher, e quebrar no altar o homicidio travado entre nós? »

— « Não! » replicou o mancebo resolutamente.

— « Então preferes a guerra?... »

O mancebo não respondeu. D. Froylas, com o braço erguido, gesto fero e voz estridente, proseguiu:

— « E guerra haverá entre o de Berêdo e Cima-Cávado contigo e com os do teu nome! Se passarem por terra nossa negar-lhe-hemos o sal, a luz, e a agoa. Se os colhermos ás mãos serão tractados como traidores. Em nome de Deus e em nome de Christo os de Lanhoso concedem-te o combate singular á lança e á espada do primeiro até o ultimo. Vencedor és livre, vencido ficas em nosso poder, como réu de homicidio! — Gomes Lourenço, cavalleiro e rico-homem de Salzedas, deshonoraste o solar de Lanhoso. Sustento que é um feito vil, e ahi te arremesso a lura. Se a não levatares, apregoar-te-hei vilão e covarde! »

Arrojou-a ao chão, e os outros cavalleiros fizeram o mesmo. O guante de D. Martim foi o ultimo, e batendo nas lageas saltou-lhe aos pés. Quando cahiu, Gomes Lourenço arredou-o com o sapato de ferro olhando para o irmão de Maria Paes com um ar em que se unia o escarneo ao desprezo.

— « Aceitas o duello a todo o transe? »

— « Ha na tua raça um traidor e um covarde. »

— «Pela nossa amizade antiga, Gomes Lourenço, exclamou Tructezindo Ramires; não me negues um encontro de cavalleiro á lança e á espada.»

— «Esta dama, disse alto o cavalleiro de Salzedas não val uma corrida de cavalleiros.»

Depois, chegando-se a Tructezindo, continuou em voz baixa.

— «Não to nego a ti, nem a D. Froylas — recuso descer a encontrar a lança do vil que, á mercê da minha adaga, quebrou a espada no joelho, e fez de vós todos algozes seus.»

— «Segunda vez te pergunto, insistiu D. Froylas; acceitas?»

— «Podeis matar-me.»

— «Pela terceira vez; acceitas?»

— «Não!»

— «Estás sentenciado!»

E, calando a viseira, o velho guerreiro calçou o guante, e embainhou a espada. Depois, sentando-se com os mais parentes de Lanhoso, disse em tom lento e solemne:

— «Gomes Lourenço, ajusta as tuas contas com Deus: Tu, que fostes cavalleiro e rico-homem, cedes o combate e partindo a lança entregas-te á nossa vindicta. Os costumes de Lanhoso dão tres horas ao condemnado para se arrepender, e sete palmos de terra para se enterrar. Deus seja contigo e te perdoe! — Está fechado o juizo, segundo o foro dos ricos-homens!»

Levantaram-se. D. Froylas tinha os olhos humidos, e um rubor desusado nas faces. Caminhando para Martim Paes travou-lhe do braço, dizendo:

— «Este homem fica á tua mercê. Manda-lhe abrir as portas do teu castello, e, por cincoenta annos de rijas lides, juro-te que haverei delle reparação!»

D. Martim, virando-lhe quasi as costas, replicou:

— «Não vos chamei para *traga-mouros*, requerivos para juiz. Julgastes. Agora a execução da sentença é para mim.»

— «Como a corda de canave para o carrasco,» bradou o velho com severa indignação.

— «Fui eu que o condemnei?»

— «Não — porque antes o tinhas assassinado.»

— «Sim! A sua espada ficava deshonrada diante do mundo, se a cruzasse contigo!»

D. Martim tornou a soltar a mesma risada feroz, e apartando-se deixou-o sem resposta.

Entre tanto Tructezindo Ramires, pallido e convulso, pegava na mão do moço alferes e dizia-lhe, com os olhos humidos de lagrimas:

— «Lourenço! que dôr d'alma! E não te poder valer!»

— «Não me queixei de ti Ramires..»

— «Porque recusas então o repto?»

— «Acceitando-o, accitava tambem o delle. Querres que eu trahido por aquelle covarde envergonhe ainda mais o nome de meu pai?... Olha, Ramires,

meu irmão d'armas, digo-to a ti, só a ti que me não descobres... assim mesmo amo-a ainda... tanto... mais do que nunca; por isso tenho pressa de morrer. Viste-me sorrir com indifferença? era orgulho. Ouviste-me dizer: não? Era desespero. Cá dentro nem eu sei o que sentia. O coração a estalar no peito, a dôr a queimal-o, e apesar de tudo a amal-a, e as lagrimas a arrebutarem pelos olhos fóra... Bem vês que assim não se vive, não se póde viver!»

— «Lourenço!... o que hei-de fazer agora?»

— «Tenho um filho, fructo do amor de um anjo, que não soube conhecer, e arrastei á sepultura!... Se eu a não amava a ella, á desgraçada!... Mantei-a, e ao arrancar-lhe dos braços frios o innocente em má hora nascido, é que um raio de luz me descubriu os segredos daquelle coração, aonde o amor viveu de lagrimas, e ardeu de ciúmes até acabar com a vida!... Estou-o penando, o martyrio que a triste padecceu calada! Tructezindo Ramires, meu irmão d'armas, se alguma cousa me dóe no mundo ainda, é aquelle filho amanhã sem pai. Promettes consagrar-lhe a amizade que nos uniu?...

— «Juro, pela doce esperança de minha esposa!»

— «Ramires, tu és amado!... Deus abençoou-te. Um abraço para a despedida... Havemos de tornar a vêr-nos — no céu...»

E sem dizer mais nada, fazendo um signal d'amizade a D. Froylas o cavalleiro, com D. Nuno que já o esperava, dirigiu-se á ermida, onde se queria preparar para a tremenda jornada da eternidade. Lá aguardava-o outro espectáculo que, acordando no coração as paixões entorpecidas lhe azedou de mais sel ainda o calix da amargura.

No entanto Tructezindo Ramires adiantou para Martim Paes, e medindo-o com olhos desprezadores, disse:

— «Dei ao solar de Lanhoso o que me pediu. Ahí fica o sangue de meu segundo irmão para pagar a divida. Maldito sejas tu, e a tua raça de Judas traidor. Vou apregoar por toda a parte que no solar de Lanhoso está a vibora que cuja de peçonha a gloria de toda a cavallaria desta terra.»

— «Mentes!» bradou fóra de si Martim Paes.

— «Ah! minto!» gritou, ou antes, rugiu o manco, caminhando para elle já com meia espada fóra da bainha; mas arrependendo-se parou, e dando uma rizada com pungente escarneo, proseguiu:

— «Palavras tuas não affrontam! São palavras de mulher. Não me lembrava: depois costumás pedir perdão ajoelhado.»

E sahio, virando-lhe as costas.

— «Martim Paes, disse D. Froylas; estamos quietes. D'hoje em diante não te conheço, e se alguma se lembrar de que és meu parente, hei-de esconder as faces de vergonha!»

E seguido dos mais cavalleiros desceu a escada, e a cavallo, á direita de Tructezindo, affastou-se do castello.

— « Que infamia, Martim Paes! » exclamou o irmão de D. Maria, apertando a cabeça entre as mãos.

— « Enganei-te? » perguntou Fr. Munio, que entrara quando sahiam os cavalleiros.

— « A manhã o nome mais vil das Hespanhas é o teu. Hoje ainda tudo se remedeia perdoando. »

— « Não! Hei-de me vingar de todos elles. »

— « Adeus pois, Martim Paes! » disse o monge, retirando-se vagaroso e triste.

— « Até este! . . . »

Depois deu algumas voltas pela sala com impeto. Estava tão cego e convulso, que não atinava com a bainha da adaga. D'ahi, detendo-se diante d'uma fresta, meditou minutos com o dedo curvado sobre a frente:

— « Ah! se ao menos elle tivesse medo de morrer . . . se pedisse a vida! »

E pegando n'um apito de prata assobiou duas vezes. Entrou um pagem.

— « Dizei a D. Nuno, que o espero aqui sem demora! »

Em quanto o pagem levava o recado, o cavalleiro, passeando desasocegado, murmurava:

— « Quem sabe! . . . Ha de desamparal-o aquella firmeza . . . e então, oh! então estou vingado. »

Neste mesmo instante chegou D. Nuno. A porta da sala fechou-se, e os dois ficaram sós (1).

CAPITULO XIV.

O Oratorio.

Gomes Lourenço escolheu a ermida antiga para se reconciliar com Deus aos pés da cruz, e com as cinzas de seu pai, chorando sobre ellas os prantos do arrependimento — as ultimas lagrimas, que sem pejo podia derramar na terra.

D. Nuno e Martim Paes, longe de recusar, apresaram-se a acceder aos seus desejos. Não foi impulso de generosidade, foi calculo de homens crucis. Ambos sabiam, que o oratorio, aonde nos cerca de toda a parte o pavor do aniquillamento, é mil vezes mais atroz para o espirito do que padece, que a mudez e a noite tetra do carcere.

Tormento, que muitas dôres ulceram, o carcere é o tempo, é a solidão, é o eterno aneiar do coração que vive sem poder levantar de cima de si a pedra d'uma sepultura. A memoria, como o abutre de Prometheu, devora os affectos até o peito ficar um er-

(1) A scena principal deste capitulo é fielmente retratada do *Fuero viejo de Castilla*, uma das mais antigas collecções de costumes juridicos, sobre tudo nas *fuercas*, ou arrestos de casos julgados. Estes documentos são importantes para a historia social do primeiro periodo da meia idade na península hispanica.

O direito de vindicta dos parentes, no caso de rapto (ranso): e as ceremonias do julgamento entre a mulher offendida, a familia, e o roubador, acham-se indicadas no lit 2.º *De los que fuerzan mugeres*, § 1.º edic. de Madrid, de 1771. Vide, sobre este monumento, *Marina, Ensaio sobre a legislação das partidas*.

mo, no qual aqui e além vacillam as ruinas da fé, e as recordações da ventura que fugiu.

L. A. Rebello da Silva.

(Continua.)

NOTICIAS.

Em 4 de Outubro.

PRACA DE LISBOA.

No dia 29 de Setembro o preço dos fundos foi o seguinte:

	Compra	Venda
Notas do Banco de Lisboa	1 920	1 830
Inscrições de 5 por cento	46	43
Ditas de 4 por cento	40	41
Papel-moeda	11	13 m. forte
Titulos antigos (azues)	6	8
Escriptos para as alfandegas	88	90
Na 6.ª parte	84	85
Acções do Banco de Portugal	452 000	456 000
Ditas post dividendum	437 000	442 000
Ditas das Lezírias	360 000	380 000
Ditas — Seguro Firmeza	380 000	390 000
Ditas — Fidelidade	20 a 22 por cento pr.	
Ditas — Omnibus	70 000	75 000
Ditas — Pescarias	27 000	28 000
Ditas — Vapores do Téjo	19 200	21 000
Ditas — União Commercial	56 000	58 000
Ditas — Fiação e Tecidos	70 000	72 000
Ditas — Valla d'Azambuja	100 por acção.	
Obras Publicas	2 1/2	3 por cento
Confiança Nacional	385 000	389 000

CEREAES.

Trigo do reino rijo, a bordo alqueire de	360 a 420
Despachado no mercado	440 a 480
Molle, a bordo	400 a 480
Despachado no mercado	460 a 560
Das Ilhas, a bordo	340 a 400
Despachado no mercado	420 a 470
Cevada do reino, a bordo	180 a 190
Despachada	220 a 260
Das Ilhas, a bordo	— —
Despachada	— —
Milho do reino, a bordo	— —
Despachado a bordo	280 a 300
No mercado	330 a 370
Das Ilhas, a bordo	— —
Das Ilhas, despachado a bordo	— —
No mercado	280 a 300
Centeio, a bordo	180 a 200
Despachado a bordo	220 a 240
No mercado	240 a 260

FUNDOS EM LONDRES.

Em 5 de Setembro

INGLEZES.

Consolidados 86 1/4 oit. 1/4

PORTUGUEZES.

De 4 por cento B. 21 1/2